Para a minha mãe,
Por ser a mulher mais carinhosa que conheço.
Gostaria que todas as raparigas pudessem ter uma mãe como tu.

Playlist

Planez - Jeremih feat. J. Cole	♥	4:00
Imported - Jessie Reyes & 6LACK	♥	3:32
Swim - Chase Atlantic	♥	3:48
You Got It - VEDO	♥	3:23
Feels - Kehlani	♥	3:01
safety net - Ariana Grande feat. Ty Dolla $ign	♥	3:28
I Like U - NIKI	♥	4:27
Love Lies - Khalid & Normani	♥	3:21
Close - Nick Jonas feat. Tove Lo	♥	3:54
Every Kind of Way - H.E.R.	♥	2:40
One In A Million - Ne-Yo	♥	4:03
Hrs and Hrs - Muni Long	♥	3:24
Conversations in the Dark - John Legend	♥	3:55
Constellations - Jade LeMac	♥	3:20
love you anyway - John K	♥	3:26
Medicine - James Arthur	♥	3:28
Say You Love Me - Jessie Ware	♥	4:17
Half a Man - Dean Lewis	♥	2:59
Always Been You - Jessie Murph	♥	2:11
Get You the Moon - Kina feat. Snøw	♥	2:59
Hard Place - H.E.R.	♥	4:31
Best Part - Daniel Caesar feat. H.E.R.	♥	3:29



— Adoro jogos fora de casa.

— Detesto jogos fora de casa. — O Maddison tira a mala da parte de trás do meu *Mercedes Benz G-Wagon*, o meu carro mais recente, antes de encolher os ombros, ao vestir o casaco do fato.

— Detestas os jogos fora pela mesma razão segundo a qual eu os adoro tanto. — Fecho o carro, meto as chaves na mala e respiro fundo para que o ar fresco e cortante de Chicago no outono encha os meus pulmões. Adoro a temporada de hóquei e, esta semana, ela começa fora de casa.

— Por teres raparigas à espera em todos os lugares que visitamos? Enquanto a única que eu quero ver é a minha mulher, que está aqui, em Chicago, com a minha filha e o meu filho recém-nascido.

— Exatamente. — Dou uma palmadinha no ombro do Maddison quando entramos na zona VIP do Aeroporto O'Hare International.

Mostramos a identificação aos seguranças antes de nos ser permitido sair para a pista.

— Temos um avião novo? — Paro de repente, viro a cabeça e vejo o novo avião com o logótipo da equipa na cauda.

— É o que parece — acrescenta o Maddison, distraído, enquanto olha para o telemóvel.

— Como está a Logan? — pergunto-lhe, referindo-me à mulher, a quem sei que está a enviar mensagens. É obcecado por ela. Nunca para de lhe enviar mensagens.

— Ela é forte, pá. — A voz do Maddison está carregada de orgulho. — O MJ tem apenas uma semana e ela já lhe controla os horários.

Não me surpreende. A Logan é uma das minhas amigas mais próximas e, talvez, a pessoa mais competente que conheço. Eles são os meus únicos amigos com filhos, mas a sua família de quatro pessoas tornou-se a minha família alargada. A filha chama-me tio Zee, e eu trato os filhos deles por sobrinha e sobrinho, apesar de não haver laços de sangue entre nós. O pai deles é o meu melhor amigo e, nesta altura do campeonato, quase um irmão.

Nem sempre foi assim.

Em miúdos, o Eli Maddison era o meu rival mais odiado. Crescemos os dois em Indiana, a jogar hóquei de competição em equipas diferentes. Ele era o menino mimado que tinha tudo o que queria, e isso irritava-me profundamente. A vida dele era perfeita. A família era perfeita, e a minha era tudo menos isso.

Depois, ele foi jogar para a Universidade de Minnesota, enquanto eu jogava na Ohio State, e a nossa rivalidade transformou-se em cinco anos intensos de hóquei universitário. Na altura, eu tinha alguns problemas familiares e descarregava a raiva na pista de gelo. O Maddison foi o alvo da minha fúria quando o empurrei contra os painéis com um golpe sujo, no início da faculdade. Dei-lhe cabo do tornozelo de tal maneira que o impedi de jogar no segundo ano e, consequentemente, de ser selecionado para a NHL (Liga Nacional de Hóquei).

Ironicamente, também tive de parar de jogar no segundo ano, por sentir dificuldades em algumas disciplinas.

Ele odiava-me por isso, e eu também me odiava devido a outras razões.

Depois, fiz terapia. Religiosamente. Trabalhei as minhas cenas e, no nosso último ano, o Maddison e eu éramos melhores amigos. Continuámos a jogar em equipas diferentes, mas respeitávamo-nos e encontrávamos pontos comuns nas questões relacionadas com a saúde mental. Ele tinha ansiedade e ataques de pânico, e eu carregava uma raiva tão intensa que se transformava em ataques de ansiedade simplesmente porque me consumia, cegando-me para a realidade.

E, por um acaso, entrámos ambos para a mesma equipa em Chicago, a jogar hóquei profissional pelos Raptors. Essa temporada é o

início do meu sétimo ano como profissional, e não me imagino a jogar noutro lugar.

É por isso que tenho de saber que o meu contrato será renovado no final da temporada.

— Scott, temos um avião novo? — pergunto a um dos chefes de equipa, que caminha à nossa frente.

— Sim — responde, olhando para trás. — Para todas as equipas profissionais de Chicago. Nova companhia *charter*. Avião novo. Um grande acordo que assinaram com a cidade.

— Avião novo. Assentos novos... Novas assistentes de bordo… — acrescento num tom sugestivo.

— Sempre tivemos novas assistentes — intervém o Maddison. — E todas tentaram meter-se contigo.

Encolho os ombros, presunçoso. Ele não está enganado, e eu não tenho qualquer vergonha. Mas não durmo com mulheres que trabalham para mim. Gera confusão, e eu não gosto de confusões.

— Outra coisa nova — grita o chefe de equipa. — A mesma tripulação durante toda a temporada. Os mesmos pilotos e as mesmas assistentes. Já não há elementos aleatórios, a entrar e a sair do avião, a pedir-vos autógrafos.

— Ou a tentar saltar-te para a cueca. — O Maddison lança-me um olhar intenso.

— Não me incomodava.

O telemóvel toca no interior do bolso das calças do meu fato. Ao tirá-lo, vejo duas mensagens a aguardar nas mensagens privadas do Instagram.

Carrie: *Vi a tua agenda dos jogos. Já percebi que te encontras por cá esta noite. Estou livre, e é bom que também estejas!*

Ashley: *Estás na minha cidade esta noite. Quero ver-te! Farei com que a tua vinda valha a pena.*

Vou à aplicação Notas e encontro uma que se intitula «DENVER», tentando lembrar-me de quem são estas mulheres.

Aparentemente, a Carrie era uma ótima foda com uma prateleira fantástica, e a Ashley fazia um broche do caraças.

Vai ser difícil decidir onde quero que a noite me leve. E, depois, há também a opção de sair e ver se consigo alargar a minha lista de Denver com novas recrutas.

— Vamos sair hoje à noite? — pergunto ao meu melhor amigo, enquanto subimos as escadas para o avião novo.

— Vou jantar com um amigo da faculdade. O meu antigo colega de equipa mora em Denver.

— Ah, merda, pois é. Bem, depois, vamos beber uns copos.

— Hoje vou dormir com as galinhas.

— Dormes sempre com as galinhas — lembro-o. — Só queres ficar no quarto de hotel e telefonar à tua mulher. Só sais comigo porque a Logan te obriga.

— Bem, tenho um filho com uma semana; portanto, não vou sair esta noite. Preciso de dormir.

— Como está o pequeno MJ? — pergunta o Scott, do topo das escadas.

— É a coisa mais bonita. — O Maddison puxa do telemóvel para mostrar as fotografias sem fim que me enviou durante a semana. — Já é dez vezes mais relaxado do que a Ella em bebé.

Passo-lhes à frente, entro no avião novo, surpreendido por ser tão fantástico. Com alcatifa personalizada, assentos e o logótipo da equipa em todo o lado.

Evito a parte da frente, onde se sentam os treinadores e a equipa técnica, e dirijo-me para a fila da saída de emergência, na qual eu e o Maddison viajamos há anos, desde que ele se tornou capitão e eu vice-capitão. Decidimos todos os aspetos desta equipa, incluindo os lugares no avião.

Os veteranos ocupam a fila da saída de emergência e, à medida que a antiguidade diminui, vão-se sentando mais atrás, ficando os novatos na última fila.

— Nem pensar — digo ao nosso defesa de segundo ano, o Rio, instalado no meu lugar. — Levanta-te.

— Pensei que… — começa o Rio, com um sorriso idiota distendido. — Avião novo, talvez lugares novos também? Talvez este ano tu e o Maddison prefiram sentar-se lá atrás com os novatos?

— Raios, não. Não quero saber se não és novato esta temporada. Vou tratar-te como se fosses.

O cabelo encaracolado cai-lhe por cima dos olhos verde-escuros, mas ainda consigo vê-los a brilhar de divertimento, enquanto me testa. Cabrão.

Ele é de Boston, Massachusetts. Um filhinho de mamã italiana que gosta de testar a minha paciência. Mas a verdade é que, quase sempre que ele abre o raio da boca, me rio. É muito engraçado. Admito.

— Rio, saiam dos nossos lugares — diz o Maddison atrás de mim.

— Sim, chefe. — Ele levanta-se, pega na sua coluna de som portátil do assento ao lado, e corre para a parte de trás do avião, onde pertence.

— Porque te ouve e a mim não? Sou dez vezes mais intimidante do que tu.

— Talvez porque o levas a dar umas voltas sempre que vamos de viagem e o tratas como amigalhaço, enquanto eu sou o capitão que mantém os limites.

Se o meu melhor amigo saísse comigo, talvez eu não tivesse de o fazer com um miúdo de vinte e dois anos sempre que vamos para fora.

Atiro a mala para o compartimento superior e sento-me no lugar mais próximo da janela.

— Foda-se, não. — O Maddison levanta-se, a olhar para mim. — Ficavas à janela no ano passado. Nesta temporada, viajas no lugar do corredor.

Olho para o lugar ao lado do meu e de novo para ele.

— Enjoo.

O Maddison desata a rir-se.

— Não, não enjoas. Deixa de ser cabrãozinho e levanta-te.

A contragosto, cedo-lhe o banco, uma vez que as filas do avião têm apenas dois lugares de cada lado do corredor. Dois outros veteranos de longa data sentam-se à nossa frente.

Pego no telemóvel e releio as mensagens das raparigas de Denver, imaginando como quero que a noite corra.

— Preferias uma boa queca, um broche do outro mundo ou arriscar com alguém novo?

O Maddison ignora-me.

— Os três? — respondo por ele. — Sou capaz de conseguir isso.

Chega mais uma mensagem. Desta vez, é do grupo do nosso agente, o Rich.

Rich: *Entrevista com o* Chicago Tribune *antes do jogo de amanhã. Representem um pouco. Façam-nos ganhar dinheiro.*

— O Rich mandou uma mensagem — digo ao meu capitão. — Entrevista amanhã antes do jogo. Quer que façamos o nosso pequeno número.

— Que surpresa — suspira o Maddison. — Zee, sabes que estás em desvantagem nesta situação. Quando te sentires pronto para revelar que não és o idiota que todos pensam que és, avisa-me, e paramos com a farsa.

É por isto que o Maddison é o meu melhor amigo. Talvez seja a única pessoa, além da família dele e da minha irmã, a saber que eu não sou o mau da fita que a comunicação social me faz parecer. Mas esta imagem tem vantagens, e uma é as mulheres gostarem de se atirar ao autoproclamado «rapaz problemático e difícil de amar». E as nossas personagens contrastantes rendem-nos uma pipa de massa.

— Não, ainda estou a gostar — digo-lhe com sinceridade. — Tenho de conseguir a renovação do contrato no final da temporada. Portanto, até lá, temos de continuar.

Quando o Maddison chegou a Chicago, há cinco anos, criámos uma história que os adeptos e a comunicação social adoram. Ganhamos muito dinheiro para o clube porque a nossa dupla leva adeptos ao recinto. Os rivais, antes odiados, tornaram-se melhores amigos e colegas de equipa. O Maddison está casado há anos com a namorada da faculdade e têm dois filhos. Há noites em que duas mulheres vêm até à minha *penthouse*. Não podíamos ser mais diferentes para quem está de fora. Ele é o menino de ouro do hóquei, e eu sou o rebelde da cidade. Ele marca golos, e eu pontuo com as mulheres.

As pessoas acreditam em tudo. Nós aproveitamo-nos disso perante a comunicação social, mas não sou o sem-vergonha que pensam que sou. Preocupo-me com muito além das mulheres que levo para casa. Mas também tenho confiança em quem sou. Gosto de fazer sexo com

mulheres bonitas, e não tenho de me desculpar. Se isso me torna má pessoa, que se lixe. Faço rios de dinheiro a ser o «mau da fita».

Ao explorar o telemóvel, vejo uma figura de relance, mas não olho para ver quem é. Embora, pela linha de visão, saiba que aquela imagem curvilínea pertence a uma mulher, e as únicas mulheres no avião são as assistentes de bordo.

— És tu... — começa ela.

— Sim, sou o Evan Zanders — interrompo-a, mantendo os olhos no ecrã. — E sim, é o Eli Maddison — acrescento, cansado. — Lamento, mas nada de autógrafos.

Isto acontece em quase todos os voos. A nova tripulação anseia conhecer atletas profissionais. É até um pouco irritante, mas faz parte do trabalho, ser-se reconhecido como nós os dois somos.

— Que bom para ti. E não quero o teu autógrafo — argumenta ela num tom nada impressionado. — Ia perguntar se estás pronto para que eu te dê o *briefing* da fila da saída de emergência.

Olho para ela, os olhos azul-esverdeados são penetrantes e pontiagudos. O cabelo move-se em caracóis castanhos, impossíveis de domar. A pele é morena clara, salpicada de pequenas sardas no nariz e nas faces, mas a expressão é a de quem não está nada impressionada comigo.

Não que isso me importe.

O meu olhar vagueia pelo seu corpo. A farda apertada abraça-lhe as curvas.

— Tens noção de que estás na fila da saída de emergência, certo, Evan Zanders? — pergunta, como se eu fosse um imbecil, estreitando os olhos em forma de amêndoa.

O Maddison ri-se ao meu lado, nenhum de nós ouviu até agora uma mulher falar comigo com tanto desprezo.

Estreito os olhos, surpreso, mas não intimidado, um pouco chocado por ela falar assim comigo.

— Sim, estamos prontos — responde o Maddison, por mim. — Avança.

Ela faz o discurso, e eu desligo. Já ouvi aquilo mais vezes do que consigo enumerar, mas suponho que se trate de uma cena legal obrigatória antes de cada voo.

Percorro o telemóvel enquanto ela fala, o meu *feed* do Instagram está cheio de modelos e atrizes, metade das quais foram minhas namoradas. Bem, *namorar* pode não ser a palavra mais adequada. Dormir com é mais correto. Mas são agradáveis de ver; portanto, sigo-as nas redes sociais, caso pretenda repetir experiências na cama.

O Maddison dá-me uma cotovelada.

— Zee.

— O que foi? — pergunto, distraído.

— Ela fez-te a porra de uma pergunta, mano.

Olho para cima, e a assistente de bordo tem o olhar fixo em mim. Está com ar irritado e desvia os olhos para o ecrã do meu telemóvel, no qual se vê uma mulher seminua escarrapachada ali mesmo, no meu *feed*.

— Estás disponível para ajudar numa emergência? — repete ela.

— Claro. Já agora, quero uma água com gás. E limão à parte. — A minha atenção volta-se de novo para o telemóvel.

— Há um frigorífico na fila de trás, onde podes prepará-la.

O meu olhar ergue-se outra vez. Mas o que se passa com esta rapariga? Encontro o crachá com o seu nome — um par de asas com «Stevie» no meio.

— Bem, *Stevie*, gostava muito que ma trouxesses.

— Bem, *Evan*, gostava muito que tivesses prestado atenção à minha demonstração de segurança em vez de supores que eu queria o teu autógrafo como uma dessas tontinhas para as quais os jogadores de hóquei são tudo na vida. — Dá-me uma palmadinha condescendente no ombro. — O que não quero, nem sou.

— Tens a certeza, querida? — O meu sorriso presunçoso domina-me o rosto enquanto me inclino na sua direção. — Pode valer-te uma bela nota.

— Que nojo. — Ela contorce o rosto, incomodada. — Obrigada por me ouvires — diz ela ao Maddison antes de sair em direção à parte de trás do avião.

Viro-me e observo-a estupefacto. As ancas redondas balançam, fazendo com que ela ocupe mais espaço do que as outras assistentes que vi no interior do avião, mas a pequena saia-lápis afunila na cintura.

— Portanto, a Stevie é uma grande cabra.

— Não, tu é que és um completo idiota, e ela só te pôs no lugar — riposta o Maddison, a rir-se. — E Stevie?

— Sim, é o nome dela. Estava no crachá da farda.

— Nunca soubeste o nome de nenhuma assistente. — O tom é de acusação. — Mas ela deixou bem claro que se está nas tintas para ti, meu amigo.

— Pelo menos já não volta no próximo voo.

— Volta, sim — lembra-me o Maddison. — É a mesma tripulação ao longo de toda a temporada. Recordas-te do que disse o Scott?

Raios, é verdade. Nunca tivemos as mesmas raparigas a bordo uma temporada inteira.

— Já gosto dela só porque não gosta de ti. Isto vai ser muito divertido de seguir.

Viro-me a fim de espreitar para a parte de trás do avião quando o meu olhar encontra o da Stevie, mas nenhum se amedronta ou quebra o contacto visual. Os seus olhos são talvez os mais interessantes que já vi, e o seu corpo é roliço de uma forma perfeita, com muito onde agarrar. Mas, infelizmente, o seu belo exterior, do qual gosto bastante, está manchado pela sua maneira de ser, a qual não me seduz.

Talvez precise de ser lembrada que trabalha para mim, e eu farei com que ela entenda isso. Sou mesquinho nesse sentido. Vou recordar-me desta pequena interação enquanto ela estiver no meu avião.



2 Stevie

— Aquele tipo é um idiota.

— A qual deles te referes? — A minha nova colega de trabalho, a Indy, inclina o pescoço a fim de olhar para o corredor.

— Àquele, sentado na fila da saída de emergência.

— O Eli Maddison? Ouvi dizer que é o tipo mais simpático da NHL.

— Não é esse. O outro. O que está ao lado dele.

Embora os dois homens que ocupam a fila da saída de emergência pareçam bons amigos e tenham, provavelmente, muita coisa em comum por dentro, por fora são o oposto um do outro.

O cabelo do Evan Zanders é preto e fica bem junto ao couro cabeludo, dando a entender que não passa mais de sete a dez dias sem fazer um novo corte. Por outro lado, o cabelo castanho do Eli Maddison cai desordenado sobre os olhos, e é possível que ele não saiba dizer quando foi pela última vez ao cabeleireiro.

A pele do Evan Zanders é de um castanho-dourado impecável, enquanto a do Eli Maddison é mais pálida e tem faces rosadas.

O pescoço do Evan Zanders está coberto por uma corrente de ouro, e tem os dedos decorados com os anéis de ouro da moda, enquanto o Eli Maddison usa apenas uma joia, a aliança no anelar esquerdo.

Sou uma mulher solteira. É claro que a primeira coisa em que reparo é nas mãos de um homem, principalmente a esquerda.

Uma coisa que têm em comum é o facto de serem os dois giríssimos. E eu quase apostava um bom dinheiro no facto de que eles têm a perfeita noção disso.

A Indy olha de novo para o corredor. Felizmente, encontramo-nos na traseira do avião, e toda a gente está de costas para nós, impedindo que alguém veja que ela chama demasiado a atenção.

— Referes-te ao Evan Zanders? Sim, é conhecido por ser parvalhão, mas o que importa isso? É como se Deus tivesse dedicado tempo extra a pôr um pouco mais de *sexy* na sua composição genética.

— É um parvalhão.

— Tens razão — concorda a Indy. — O rabo dele também foi esculpido por Deus.

Rio-me do que diz a minha nova amiga. Conhecemo-nos há algumas semanas, quando fizemos a formação, e ainda desconheço muita coisa sobre ela, mas, até agora, tem sido maravilhosa. Isto para não dizer que é giríssima. É alta e esguia, a sua pele é bronzeada e mostra um brilho natural, e o cabelo loiro cai-lhe suavemente pelas costas. Os seus olhos são de um castanho quente, e parece-me que não usa maquilhagem simplesmente porque, mesmo sem ela, é estonteante.

Reparo na sua farda, na suavidade perfeita como o tecido lhe assenta no corpo magro. Não há folgas entre os botões da camisa branca, e a saia-lápis não tem vincos, ao contrário da minha, que está a ficar amarrotada devido a tudo o que tento conter.

Mal tomo consciência disso, ajusto o uniforme apertado. Encomendei-o no mês passado, quando pesava menos, mas o meu peso sempre foi flutuante.

— Há quanto tempo fazes isto? — pergunto à Indy enquanto esperamos que o resto da equipa e da tripulação embarquem para descolarmos nesta que é a nossa primeira viagem da temporada.

— Há quanto tempo sou assistente de bordo? Estou no meu terceiro ano. Mas nunca trabalhei para uma equipa. E tu?

— Estou no meu quarto ano e na segunda equipa. Voava com uma equipa da NBA com sede em Charlotte, mas o meu irmão vive em Chicago e ajudou-me a conseguir este trabalho.

— Então, já estiveste perto de atletas. Não é novidade para ti. Admito que me sinto algo impressionada com tantas celebridades.

Já estive perto de atletas. Namorei com um. Sou familiar de outro.

— Sim, eu sei, são pessoas normais, como tu e eu.

— Quanto a ti, não sei, miúda, mas eu definitivamente não ganho milhões de dólares todos os anos. Não há nada de normal nisso.

Como não ganho nada que se aproxime disso, vivo no apartamento louco do meu irmão gémeo em Chicago, até conseguir morar sozinha. Não gosto de depender dele financeiramente, mas não conheço mais ninguém na cidade, e foi ele quem insistiu para que eu viesse para cá. Além disso, ele ganha uma quantia incrível; portanto, não me sinto assim tão mal por lhe pedir um lugar para dormir de graça.

Não podíamos ser mais diferentes. O Ryan é extremamente focado, organizado, motivado e bem-sucedido. Sabe o percurso que quer seguir desde os sete anos. Eu tenho vinte e seis e ainda tento descobrir o que fazer. Mas, independentemente das nossas diferenças, somos melhores amigos.

— És de Chicago? — pergunto à minha nova amiga.

— Nascida e criada. Bem, nos subúrbios. E tu?

— Cresci no Tennessee, mas andei na faculdade na Carolina do Norte. Fiquei por lá quando consegui emprego como assistente de bordo. Mudei-me para Chicago há um mês.

— Nova na cidade. — Os olhos castanhos da Indy brilham de entusiasmo e também de malícia. — Temos de sair quando voltarmos para casa. Bem como quando estivermos fora, mas vou levar-te aos melhores lugares de Chicago.

Esboço um sorriso de gratidão, feliz por ter esta miúda tão fixe e recetiva no meu avião. É um setor que pode ser cruel, e por vezes as raparigas são antipáticas umas com as outras, mas a Indy parece-me genuína. Eu e ela estamos prestes a viajar juntas com uma equipa de hóquei uma temporada inteira; portanto, sinto-me ainda mais grata por nos darmos bem.

Infelizmente, não digo o mesmo da outra assistente. Durante as duas semanas de formação, a Tara, a assistente de bordo principal, pareceu-me tudo menos prestável. Ela é bastante territorial. Ou talvez seja melhor chamar-lhe cabra. Qualquer opção serve.

— Tenho de confessar outra coisa — sussurra a Indy, afastando do rosto o cabelo louro e delicado. — Não percebo nada de hóquei.

Um risinho aflora aos meus lábios.

— Pois, eu também não.

— *Okay*, graças a Deus. Ainda bem que não é um requisito para este emprego. Quer dizer, sei quem é cada um deles porque os pesquisei ao nível de um agente do FBI nas redes sociais, mas nunca vi um jogo. Já o meu namorado sabe muito de desporto. Até me deu permissão, caso eu ache necessário.

— Espera, a sério?

Ela afasta-se de mim.

— Era uma piada. Eu nunca faria isso. A ser possível, ele é que ia querer permissão para estar com um deles. Adora assistir a eventos desportivos e seguir atletas, tudo isso.

Antes que eu possa dizer à Indy que tenho alguém em casa que o namorado dela talvez gostasse de conhecer, o idiota da fila da saída de emergência começa a percorrer o corredor na nossa direção.

Não posso dizer que o Evan Zanders não é um homem bonito. Parece saído de uma *passerelle* na maneira como caminha. O sorriso atrevido é incapaz de esconder os dentes perfeitos, e os olhos são o exemplo acabado de um sonho cor de avelã. O fato de três peças feito à medida tem um padrão espinha de peixe subtil e mostra bem que ele não sai de casa se não estiver vestido para impressionar.

No entanto, é um idiota pomposo que achou que eu queria um autógrafo e ficou a olhar para fotografias de mulheres bonitas seminuas enquanto eu tentava explicar-lhe como poderia salvar-lhe a vida em caso de emergência.

Quer dizer, a probabilidade de precisar do que eu tentava explicar-lhe é praticamente nula, mas nem sequer é essa a questão. Não passa de um atleta arrogante apaixonado por ele próprio. Conheço o género. Já namorei com esse tipo de pessoa, e não voltarei a cair nessa.

Portanto, paro de o admirar e viro-me para me distrair com uma coisa qualquer sem importância, na copa, mas a sua presença é esmagadora. É o tipo de homem que chama a atenção de todos quando entra numa sala, o que me irrita mais

— *Okay*, Miss Shay. — A Indy sussurra o meu apelido enquanto me dá um pequeno empurrão.

Olho para ela, mas ela faz sinal ao Zanders. Viro-me, e os olhos cor de avelã penetrantes estão fixados nos meus. O sorriso mais arrogante que é possível imaginar passa-lhe pelos lábios, enquanto se mantém na pequena entrada da copa. Coloca os dois braços contra a barreira, bloqueando a minha entrada e a da Indy, como se nada fosse.

— Gostaria de uma água com gás e uma rodela de limão à parte. — A sua atenção focada em mim.

Recorro a tudo o que há em mim para não revirar os olhos porque acabara de lhe dizer onde podia arranjá-la. Há um grande frigorífico moderno a menos de um metro dele, repleto de bebidas, por alguma razão. Os atletas ficam, basicamente, famintos depois dos jogos e, como fazemos muitos voos noturnos a seguir às partidas, o avião está preparado como se fosse um *buffet* à discrição com comida e bebidas enfiadas em todos os espaços disponíveis, prontas para serem de lá tiradas e consumidas.

— Está no frigorífico. — Faço sinal para a última fila de assentos ao lado dele.

— Mas preciso que a vás buscar por mim.

Que arrogância.

— Vou buscá-la para ti! — A Indy entusiasma-se, ansiosa por fazer um trabalho que não tem de fazer.

— Não é preciso — interrompe o Zanders. — Aqui a Stevie vai buscá-la.

Estreito os olhos quando vejo os seus dentes brilhantes à espreita porque se acha hilariante. Não está a sê-lo. É só irritante.

— Não é verdade, Stevie?

Gostava de lhe dizer que se pusesse a andar, não porque me esquivo ao trabalho, mas devido à sua teimosia e ao que tenta demonstrar. Pretende dizer-me que trabalho para ele. Mas ser nosso cliente não significa que possa ser mal-educado e esperar que eu não reaja.

Hesito, pois não quero causar má impressão à frente da minha nova colega logo no primeiro dia. Estou-me nas tintas para o que este tipo pensa de mim, mas prefiro dar um ar de cabra à frente da Indy.

— Claro. — A minha voz sai demasiado alta, mas nenhuma destas pessoas me conhece o suficiente para perceber que estou a fingir.

O Zanders desvia-se apenas ligeiramente, quase sem me dar espaço para passar, e isso já me constrange. Não sou a rapariga mais esguia, e não quero envergonhar-me por não conseguir passar por ele. Alguma da minha insegurança vem à tona antes de me poder recompor e substituí-la pela máscara de confiança que aprendi a usar. Mas o Zanders afasta-se um pouco da passagem, felizmente, concedendo-me mais espaço.

Dou um passo, apenas um, para fora da zona de preparação das refeições, passando pelo Zanders em direção ao frigorífico, do qual ele está tão perto que, praticamente, consegue tocar-lhe. Abro a porta e retiro a primeira bebida que vejo, água com gás. Ele demoraria menos de três segundos a fazer isto, mas queria ganhar a disputa.

Enquanto retiro a água do frigorífico, sinto-o a pairar sobre mim. É muito alto, deve ultrapassar os 1,90 metros, e, tendo eu 1,70 metros, ele domina-me. Mal me dá espaço no corredor para me virar e, quando o faço, levo com o seu peito em cheio no rosto.

— Muito obrigado, *Stevie.* — Pronuncia o meu nome no mesmo tom condescendente com que eu falara antes, tirando sem pressa a garrafa da minha mão. Os seus dedos longos tocam ligeiramente nos meus, enquanto os seus olhos cor de avelã estão fixados em mim. Ele levanta a mão vazia e ajeita as asas da minha camisa, ao endireitar o meu crachá desalinhado.

Os seus olhos exibem malícia, divertimento e muita arrogância enquanto dançam com os meus, mas não consigo, nem por nada, reunir forças capazes de quebrar o contacto visual.

O meu ritmo cardíaco acelera, e não apenas porque há poucas camadas de tecido a separar a sua mão do meu peito, mas também porque não gosto da forma como me fita. É um olhar intenso e focado, como se eu fosse o seu novo desafio esta temporada.

E o seu desafio é transformar o meu trabalho num inferno.

— Uma rodela de limão à parte? — interrompe a Indy, segurando um guardanapo cheio de rodelas de limão.

O olhar cor de avelã do Zanders perde intensidade quando olha para a Indy, e um suspiro audível de alívio escapa dos meus pulmões quando ele deixa de me dar atenção.

— Ena, muito obrigado. — O tom de voz do Zanders parece conter demasiado entusiasmo quando ele pega nas rodelas de limão. — És ótima no teu trabalho...

— Indy.

— Está bem. — Desvia a atenção dela e foca-se de novo em mim. Depois, inclina-se ligeiramente para colocar o seu olhar ao nível do meu. — Stevie. Ótimo trabalho — acrescenta, já em tom de despedida, antes de regressar ao seu lugar.

Endireito-me e componho-me, enquanto estico de novo a farda e afasto o cabelo encaracolado e indomável do rosto.

— Por favor, vai para a cama com ele — implora a Indy quando ficamos de novo a sós na copa do avião.

— O quê?!

— Por favor, por favor, por favor, vai para a cama com ele e depois conta-me os pormenores.

— Eu *não* vou dormir com ele.

— Por que diabo não vais?

Franzo as sobrancelhas.

— Porque trabalhamos para ele. Porque está apaixonado por si próprio, e porque quase de certeza que faz sexo com tudo o que tenha vagina, e não me parece que saiba sequer o nome de alguma quando está na cama com elas.

E não me encaixo no estereótipo que estes tipos procuram. Não sou escolhida por homens assim, mas não revelo esta insegurança.

— Bem, ele sabe o teu nome.

— O quê?!

— Ele sabe o teu nome. — Ela inclina-se para mais perto de mim, pondo o olhar ao nível do meu, tal como fez o Zanders. — *Stevie* — sussurra a Indy num tom sedutor, antes de desatar a rir-se.

— Sai daqui. — Empurro-a a brincar.

Quando todos os passageiros embarcam e as portas da cabine estão fechadas e trancadas, eu e a Indy trancamos a copa do avião, garantindo que tudo está seguro para a descolagem. E enquanto o fazemos, acontece a coisa mais mágica e bonita dos meus quatro anos de voo.

Ao mesmo tempo, cada jogador de hóquei levanta-se do seu lugar e começa a despir-se até que a única coisa coberta seja a sua zona mais íntima.

— Minha Nossa... — Fico aparvalhada, incapaz de falar, com os olhos esbugalhados.

— O. Que. Está. A. Acontecer? — pergunta a Indy, no mesmo estado de atordoamento, de boca aberta.

A parte de trás do avião está cheia de homens nus, com rabos tonificados e tatuagens, para onde quer que eu olhe. Eu e a Indy nem sequer fingimos que não vemos. Não desviamos o olhar nem que nos paguem para isso.

Os jogadores colocam os fatos com cuidado nos compartimentos superiores, certificando-se de que não os amarrotam durante o voo para Denver, antes de vestirem roupas mais confortáveis e casuais.

— Gostaram do espetáculo, meninas? — pergunta um em tom de brincadeira, acordando-me para a realidade. O seu cabelo escuro e ondulado baloiça à frente dos seus olhos cor de esmeralda.

— Sim — responde a Indy sem hesitar.

— Bem, aproveitem. Acontece sempre que descolamos e aterramos. Temos de usar fato na descolagem e na aterragem por causa da comunicação social, mas em pleno voo podemos fazer o que quisermos.

Não era assim quando voava com uma equipa de basquetebol. Os jogadores entravam e saíam do avião da forma mais casual possível; portanto, isto é novo.

— Posso voltar para ali e dar-vos uma vista melhor no próximo voo.

— Rio, para de estar sempre tão faminto! — diz outro jogador.

— É o melhor trabalho — acrescenta a Indy, com o olhar ainda fixado nos homens seminus.

— Adoro hóquei — afirmo sem hesitar.